REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 714

30 DE OUTUBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Domingo, 23, seguiram até Oeiras no comboio do meio dia e um quarto, as commissões representando diversas collectividades, que foram prestar homenagem á memoria do tenente general Gomes Freire, barbaramente enforcado na torre de S. Julião da Barra, na manhã de 18 de Outubro de 1817.

Quando elle sahiu da masmorra, levava ainda uma esperança: que a piedade ingleza lhe concedesse a morte que merecia um soldado valente. Nem isso. Não lhe deram sequer a consolação suprema de cahir, olhando de frente para as espingardas dos seus soldados. Morreu estorcendo-se n'uma forca como qualquer bandoleiro.

Foi um dos primeiros martyres d'essa idéa de liberdade, que tantos espiritos ainda havia de exaltar, cuja historia em Portugal havia de ser escripta com tanto sangue e, ao mesmo tempo, com tanta luz.

Andam os tempos, mudam-se os ideaes; mas de cada passo dado á frente não se recua outro tanto.

Foi a liberdade o sonho de tantos, tanta vez eccoaram os hymnos que a cantavam, tão carinhoso foi o seu brilho para quantos viam n'ella o remedio a todos os males soffridos, que, nem sequer esses para quem deixou de ser ideal, deixam de respeital-a, deixaram de querer á palavra.

Liberal sem nodoa, acaba de fallecer em Coimbra o decano dos jornalistas portuguezes, Joaquim Martins de Carvalho, proprietario do *Conimbricense*, jornal em que sempre foram tratados com a maior elevação os mais importantes problemas da vida politica portugueza.

Muito soffreu Joaquim Martins de Carvalho pela causa a que dedicou toda a vida; mas o seu nome era querido em Portugal inteiro e reverenciado em todas as camadas sociaes, por todos os grupos politicos.

O enterro do venerando liberal foi uma sentida manifestação.

Vestiu-se de luto o jornalismo portuguez.

Não o aliviara ainda, ainda em successivos artigos falava d'aquelle que tanto e por tão altos motivos o honrara e ennobrecêra, quando, sem que tão má nova pudesse tão cedo ser esperada, os jornaes annunciavam a morte da talentosa e infatigavel escriptora, Guiomar Torrezão.

Eram realmente notaveis as qualidades por que esta senhora se impuzera á admiração de todos durante longos annos de trabalho assiduo. Dotada d'uma intelligencia e d'uma actividade muito acima do vulgar, havendo-se dedicado ás lettras desde muito nova, são muitos os volumes que deixou, e volumes encheriam os artigos que espalhou por um sem numero de revistas litterarias, almanachs e jornaes noticiosos e de modas, artigos de critica litteraria e theatral, sociaes, de interesses de classe, de polemica.

Dotada de uma força de vontade, que seria rara n'um homem e era de admirar n'uma senhora, trabalhava constantemente, tendo pelo theatro uma notavel predilecção. São de Guiomar Torrezão as traducções das peças *Dionisia*, *Martyr*, *Clara Soleil*, *Noiva dos Girasoes*, *Mademoiselle Diabrete*, *Toupinel*, *Musotte*, *Menina dos Telephones*, *Dois Garotos*, etc.

Escrevêra tambem uma comedia em tres actos, *Educação Moderna*, ha annos representada no theatro do Gymnasio.

Algumas d'estas peças deram logar a polemicas, tendo-se tornado mais notavel a que a distincta escriptora sustentou com o emprezario Taveira a proposito dos *Dois Garotos*, o afamado e detestavel drama de Décourcelle, que tamanho exito obteve, quando, na epoca passada, foi representado no theatro da Trindade.

Era em geral excessivamente bondosa nos seus artigos de critica litteraria e por isso captivara as sympathias de quasi todos os seus collegas nas letras. Algumas d'essas linhas de critica são verdadeiros primores de um espirito finamente educado.

Conhecêra perfeitamente as duras batalhas da vida, em que muita vez conseguiu vencer, em que nunca se lhe viu um esmorecimento. Trabalhava constantemente e defendia com denodo o seu trabalho.

Assim luctou annos e annos, porque possuia,

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO — DECANO DOS JORNALISTAS PORTUGUEZES

(Fallecido em 18 do corrente)

além da coragem, boas armas para a defesa, boas armas para o ataque.

É essa a condição essencial para esse *struggle for life*, em que tantos são vencidos, não podendo mais do que falar contra o meio que os não comprehendeu, contra a desventura que os persegue.

Com que armas vieram elles para a rua, além d'algum alfange prateado, de dança da lucta pelo entrudo? E, quando fogem deante d'um bico de alfinete, de quem é a culpa senão d'elles?

Não ha hoje victoria sem lucta, ninguem lucte que não tenha armas. E, porque as tem e boas, desde já prophetisamos victoria a Julio Dantas, auctor de *O que morreu de amor*, peça que dentro em poucos dias deverá entrar em ensaios nó theatro D. Amelia.

Julio Dantas, auctor do *Nada*, teve a ventura de ver este seu livro discutido, criticado, accusado... e em pouco tempo vendido. O facto não é vulgar em estreia. Exito egual ha de ter provavelmente a sua peça, inspirada n'uma anecdota d'um velho nobiliario portuguez. Unanimes applausos obteve, quando pelo auctor foi lida a alguns amigos e aos actuaes empresarios do theatro.

Emquanto se ensaia a peça de Shakespeare, uma das suas mais notaveis comedias, por muitos criticos considerada a obra prima do maior dos dramaturgos, *Tanta bulha por tão pouco*, Rosas e Brazão teem percorrido o velho repertorio, sem um descanço para os actores nem para o publico, cuja concorrencia uma só noite não falhou.

Dores Rentini continua chamando a attenção para o theatro da Avenida, pois que raras vezes voz tão formosa como a da formosa protagonista da *Viagem á China* tem sido ouvida em theatros portuguezes.

Nos outros theatros ainda não appareceram por emquanto peças de sensação, reservadas muito naturalmente para o pleno inverno, tempos d'oiro para os empresarios, que ainda teem os melhores freguezes veraneando pelas praias, por onde se deixam ficar até depois do S. Martinho.

Na Rua dos Condes está-se procedendo a varias obras, que transformarão a lendaria casa de espectaculos n'uma das mais elegantes e rendosas de Lisboa. Valle e a sua companhia deverão em dezembro começar as representações.

É este o theatro de Lisboa, sem exceptuar S. Carlos, que possue maior numero de tradições. N'aquelle mesmo local, ainda todos nós conhecemos o velho barracão de que nos falam historias muito velhas e onde mulheres formosas, actores de talento, de que hoje mal restam nomes, ainda ás vezes ligados a phrases populares como a dos chapéos á Zamparini, tiveram noites de gloria, que elles julgaram talvez immorredoura.

De quantas e quantas anecdotas foi scenario aquelle palco, de quantas historias risonhas, como essas que Baptista Machado nos vai agora contando, não esmorecendo na tarefa, nem sequer entre as quatro paredes espessas do quarto do Limoeiro, onde delictos de imprensa o encaixaram.

Pobre Zaragueta! O peior é que a vista não lhe permitte ler, que, coitado, já não escreve senão pelo tacto, é que, desde as duas, hora a que os amigos o teem de deixar, ao toque imperioso da sineta, até que ás dez horas do dia seguinte lhes abram outra vez as portas de ferro, cada minuto parecem seculos.

Mas elle vai contando as suas historias, passeando por esses theatros, e afinal comprou barato por vinte dias de cadeia o poder... com tanto descanço passear.

Se elle pudesse agora sahir, e, em vez de andar com a memoria d'um passado saudoso percorrendo palcos velhos, quizesse dar uma volta comigo pelos theatros de agora, em vez d'uma comedia, eu contar-lhe-hia, em frente da jarra de Bordallo Pinheiro, um pequenino drama que o havia de entristecer.

Effectivamente a fabrica de louça a que Raphael Bordallo consagrou tanto da sua actividade, tanto do seu coração de artista, acaba agora de fechar.

Uma esperança acompanha ainda a nossa saudade. Nem podemos acreditar facilmente que para sempre possamos ficar sem os productos d'uma industria que tanto e tantas vezes honraram Portugal.

Sobre o facto nada mais se pode dizer, a não querer encher volumes.

E em Bordallo não foram os elementos para a lucta que faltaram, nem o venceram inimigos luctando. Ainda n'uma das passadas chronicas, referindo-nos ao grande artista, auctor da obra que Lisboa inteira tem admirado, diziamos, cheio de espanto, que era todo aquelle primor obra d'um homem quasi só.

Quasi haviamos escripto. Só de todo o quizeram deixar.

Ha poucos dias ainda, d'esses estrangeiros que estiveram em Portugal, alguns e dos melhores tiveram ensejo para applaudir o trabalho de Raphael. Das boas recordações que d'aqui levaram essa não foi somenos.

Que, diga-se a verdade, de tudo quasi todos teem falado em seus jornaes de forma a lisonjearnos. O dito de Claretie tem sido vinte vezes reproduzido como expressão d'um sentimento que estua nas almas de todos: — A Europa descobriu Portugal e Portugal conquistou a Europa.

Valha nos isso. Alegra-nos ver o nome da nossa terra citado el giosamente em longos artigos, entre longos artigos importantissimos de politica estrangeira: o caso grave, a que a diplomacia parece pôr em breve o termo, suscitado entre a Inglaterra e a França por questões no alto Nilo, as conferencias em Paris entre hespanhoes e americanos para a paz, a questão Dreyfus complicadissima e a queda do ministerio, a viagem do Imperador da Allemanha á Turquia, as idéas do Czar para o desarmamento geral, as grandes convulsões populares na China.

E em todas as chancellarias da Europa, Asia e America se trabalha activamente.

Em Portugal o grande problema é sempre, como o foi, como o ha de ser, o dinheiro.

Parece até que uns hespanhoes se lembraram de nos soccorrer com algumas notas falsas. É de amigos. Terror panico no banco de Portugal e annuncio da direcção descrevendo as notas e avisando de que as não trocaria aos portadores. Terror panico no publico. Discussão na imprensa. Impassibilidade n'aquelles para quem uma nota de vinte mil réis continua a ser um mytho.

Oiro! Oiro! Temos oiro!

E parece que assim é. D'onde nos veio é que por emquanto é mysterio. Todos os jornaes da opposição o perguntam, mas o governo cala se muito em seu calado, como quem sabe que a alma do negocio é o segredo.

A questão financeira é inquestionavelmente a mais importante, aquella para que devem dirigir-se as attenções dos homens encarregados do leme n'este dobrar do Cabo das Tormentas.

Sobre o assumpto foram ha pouco publicados os famosos discursos pronunciados na Camara dos Pares, em sessões de 23 e 25 de abril e 31 de maio e 1 de junho, pelo notabilissimo orador, presidente do conselho na transacta situação ministerial, Conselheiro Hintze Ribeiro.

Toda a curiosa historia das finanças portuguezas ali vem narrada e. se a historia é mestra da vida, boas conclusões d'elle havemos de tirar.

Entretanto as libras desceram de preço, galgando pontos de um dia para o outro. causando vertigens aos que andam n'essas correrias. E todos perguntam d'onde nos vem o oiro?

Ha dias conversava se a esse respeito na rua dos Capellistas, quando pela frente dos financeiros passou n'uma carruagem de praça. que ia batendo pela calçada fóra, um rapaz bem vestido, lindo alfinete na gravata, anneis preciosos, brilhantes nos punhos, grossa cadeia d'oiro e medalha reluzente.

— Vêem aquelle rapaz? perguntou um que não era financeiro senão uma ou outra vez... por miseria. O pae não lhe deixou nada, a mãe vive de uma pensãosinha d'um ministerio qualquer, elle é amanuense, ganha quinze mil reis...

— Não pode ser, disse outro. Passa ahi todos os dias de carruagem, gasta libras a rodo. Só em fato ..

— Fato, ceias, viagens, jogo, mulheres, casa no Estoril...

— Mas d'onde lhe vem o dinheiro?

— E' uma velha que lhe faz bem.

É ora ahi teem a explicação. Quando apparece dinheiro e ninguem sabe d'onde elle vem, ha sempre algures uma velha.

E a nossa, a tal que quer tanto a Portugal, ainda ha dias a avistei n'uma caricatura: longos dentes, uma côr avermelhada que o gin dá ás faces, cabelleira de canudos, mãos gryphadas...

João da Camara.

Joaquim Martins de Carvalho

Pede-me o illustre director-proprietario d'esta folha que eu escreva a biographia d'esse velho liberal e venerando jornalista, cuja perda o paiz acaba de deplorar, e principalmente toda Coimbra, como um dos seus filhos mais dilectos e aquelle a quem ella mais deve muitos dos seus melhoramentos moraes e materiaes.

Desde 1886 que conheci esse benemerito cidadão e erudito escriptor, mas conhecia-o simplesmente pelas cartas de affecto e amizade trocadas entre nós ambos e pelo muito que elle me elucidou com relação a certos pontos referentes a jornaes antigos e mui especialmente ao jornalismo de Coimbra e ainda outras particularidades historicas.

Nunca o vi; nunca me foi possivel abraçal-o em vida, em quanto o seu nobre coração palpitava, quando a sua altiva fronte não estava ainda curvada pelo peso dos annos nem pelo excesso dos trabalhos.

Não pude vel-o em quanto os seus olhos podiam ver quem o abraçava e a sua bocca exprimir aquellas palavras de ensinamento e sã experiencia que fizeram d'elle o Mestre e o amigo.

Portanto das phases da sua vida publica apenas sei o que por ahi tem corrido pelos papeis nos seus ligeiros traços biographicos, que evidenceiam, mesmo aos mais incredulos, o muito que elle valeu como escriptor e o muito que elle soffreu como homem politico sempre, afferrado ás suas ideas liberaes e sempre intransigente com os principios, que não se ligassem intimamente com o brio e dignidade do jornalista serio, consciencioso e independente.

Limito-me pois a traçar aqui n'estas singelissimas linhas de dôr e de saudade, tributadas á sua memoria veneranda e prestar, ao correr da penna, esta pequenina homenagem ao cidadão benemerito, ao liberal convicto, ao jornalista erudito e intemerato, cuja vida vem de apagar-se com geral consternação da cidade de Coimbra e de toda a nossa imprensa periodica.

Todos os que mourejam na vida activa do jornalismo politico sabem quanto é perigosa uma vida assim, tremenda e amargurada a sua faina, e quanto são crueis as decepções que experimenta o jornalista na sua labuta quotidiana, não só de instruir e moralisar o povo, mas, o que é mais, de convencer os seus adversarios e destruir uma a uma todas as difficuldades que elles lhe criam constantemente.

Cá fóra, o publico, o leigo no officio, só trata de pagar e lêr. Pouco se lhe dá, a elle, do que se passa lá dentro nas redacções; o que o publico quer é saber o que ignora e acha-se com direito a sabel o porque deu o vintem ou os seus dezreisinhos. Todos aquelles soffrimentos, todas aquellas decepções e amarguras, d'esses pobres operarios do progresso e da civilisação, nada são para elle · vê os, frio e impassivel, com os olhos do indifferentismo e só os acha excellentes quando elles lhe tocam a fibra da curiosidade, lhe empolgam a attenção, contando-lhe cousas maravilhosas, mirabolantes, ou explorem o escandalo e passem. . ainda além.

Então o publico dá por bem empregados os magros cobres que dispendeu na compra da folha, aguarda o dia d'ámanhã para, ávido de curiosidade, ver a continuação...

Não ignorava Joaquim Martins de Carvalho que para bem se vulgarisar um jornal politico eram precisas estas cousas, mas sempre fugiu a ellas não permittindo que o seu *Conimbricense* fosse o libello diffamatorio ou o pasquim insultuoso e infamante das reputações alheias, e, talvez fosse por isso mesmo que elle, por vezes, se tornou alvo de muitas ironias e affrontas, affrontas e ironias que elle, sempre arrojado, sempre cheio de energia pôde levar de vencida, conjurando todos os perigos, caminhando sempre para a frente, calmo, sereno, imperturbavel, e só cuidando de chegar ao que se propunha, e a que realmente chegou: — ser admirado, querido e respeitado na sua terra natal por todos indistinctamente desde o mais grado lente da universidade até ao mais humilde operario da officina.

Verdadeiro Bayard na arena da imprensa portugueza, *sans peur et sans reproche*, limpo de toda a mancha como o celebre paladino francez; franco na lucta, impassivel na apreciação dos factos; rapido, justo e severo na corrigenda, austero e inquebrantavel em todas as questões em que transparece o dever e flammeja o pundonor do jornalista serio e independente, Joaquim Martins de Carvalho, nunca se afastou um ápice, um momento se quer do caminho que a si proprio havia traçado nem perdeu a pureza e lealdade que devem esmaltar a conducta dos homens da sua tempera.

Nasceu o decano do jornalismo portuguez no dia 19 de novembro de 1822 na cidade de Coimbra n'uma pequena casa da rua de Coruche. Filho de familia pobrissima e obscura e não podendo seguir os estudos escolheu para poder viver o officio de latoeiro. A sua natural vivacidade, o seu espirito irrequieto, o seu amor pelas lettras não se davam bem com aquelle modo de vida e cedo a abandonou para se entregar á arriscada vereda da politica, dando em resultado achar-se

aos 24 annos envolvido nos acontecimentos da revolução chamada da *Maria da Fonte* e ser preso em 4 de fevereiro de 1847 vindo para a cadeia do Limoeiro, onde se conservou até 29 d'abril, dia em que, com alguns outros presos politicos, conseguiu evadir-se. Sendo depois recapturado lançaram-n'o no fundo d'uma masmorra negra e immunda onde gemeu encarcerado até 28 de junho, data do celebre convenio Gramido redigido por Teixeira de Vasconcellos, convenção que pôs termo á guerra civil.

D'ahi em deante começa a vida activa de Martins de Carvalho como jornalista.

Sendo fundado em Coimbra, em novembro de 1847 o *Observador*, por um grupo de individuos desaffectos ao governo cabralista, Joaquim Martins de Carvalho entrou para a redacção, no logar de revisor, fazendo a sua estreia como jornalista em um pequeno artigo publicado no dia 13 d'agosto de 1850 com o titulo *Sociedades de Soccorros Mutuos*.

Foi esse o primeiro escripto de quem mais tarde havia de ser a *alma mater* de tantas fundações d'aquelle genero e o benemerito por excellencia das classes operarias associativas.

Quando em 20 de dezembro de 1853 o *Observador* publicou o seu ultimo numero, já Martins de Carvalho tinha parte da propriedade d'aquelle jornal. Fundou-se então o *Conimbricense* cujo primeiro numero appareceu em 24 de janeiro de 1854.

Ou porque Martins de Carvalho tentasse inutilisar os tramas dos sicarios da Beira a quem o *Observador* fazia guerra, ou por qualquer motivo de administração interna, o certo é que o *Conimbricense* appareceu com a mesma orientação e como sendo em tudo o continuador da folha extincta.

Em 1855 fundou Martins de Carvalho uma typographia na rua de Coruche para imprimir o seu jornal, comprando um prélo, que é o mesmo que ainda hoje existe.[1]

Martins de Carvalho ainda collaborou em muitos outros jornaes, designadamente no *Liberal do Mondego*, folha que saiu em Coimbra no anno de 1851.

Entre os seus apreciaveis escriptos notam-se dois livros realmente excellentes pelas preciosas noticias historicas que encerram, quasi todas relativas a Coimbra. São esses livros intitulados: *Os Assassinos da Beira* (em 1890) e os *Apontamentos para a historia contemporanea*. N'este bello trabalho acha-se incluida a historia da typographia em Coimbra desde a sua introducção n'aquella cidade, em 1531, até 1868, data em que o indefesso escriptor o publicou.

No *Conimbricense* continuou elle esses preciosos estudos e investigações, bem como sobre outros muitos assumptos historicos, apresentando noticias copiosissimas, algumas d'ellas inteiramente ineditas até ali.

O *Conimbricense* é um vasto repositorio da erudição do seu redactor, e, por assim dizer, uma encyclopedia da historia politica, litteraria e artistica de nosso paiz, e raro é o numero que não seja de interessantissima leitura e o resultado da mais sã experiencia.

E' por isso que as collecções completas d'este jornal são muito procuradas mas hoje, infelizmente, de extrema raridade, havendo, segundo me consta, só duas ou tres que se reputam completas; uma d'ellas é a que hoje possue o sr. tenente coronel Francisco Augusto Martins de Carvalho, filho do illustre extincto.

E' vasta e selecta a livraria do fallecido, sendo admiraveis sobretudo a collecção dos autographos e dos opusculos politicos, systematica e cuidadosamente concatenados, encadernados por volumes e agrupados por assumptos, tendo cada volume seu respectivo indice pacientemente feito pelo collecionador.

Muitas publicações, hoje rarissimas ou de difficil obtenção, enriquecem esta bibliotheca que levou muitos annos a fazer com a mais louvavel persistencia e desvelo e se acha disposta e de tal sorte organisada, com tão bom methodo e tanta habilidade, que causa a admiração do visitante.

*
* *

Joaquim Martins de Carvalho nasceu, como acima acabo de dizer, no dia 19 de novembro de 1822, isto é—precisamente no mesmo dia em que expirou o grande caudilho da liberdade Manoel Fernandes Thomaz—e falleceu na madrugada de *terça feira 18 de outubro de 1898*, isto é, precisamente em igual dia em que fazia oitenta e um annos que o general Gomes Freire d Andrade—outro paladino da liberdade—soffreu a horrorosa morte na esplanada de S. Julião da Barra.

Que fiquem bem registadas nos annaes da historia liberal do nosso paiz estas datas memoraveis.

Morreu Martins de Carvalho um mez antes em que havia de completar 76 annos d edade e celebrar o 51.º *anniversario* da fundação de seu querido *Conimbricense*.

A' hora em que, com os olhos rasos de lagrimas, traçâmos estas linhas doloridas e singelas acabamos de assistir aos seus funeraes. Foram concorridissimos. Todo o commercio de Coimbra encerrou as suas portas em signal de profundissimo sentimento. Nunca se viu uma manifestação assim na Lusa Athenas

Duas horas antes de sair o prestito da velha egreja de S Bartholomeu para a sumptuosa egreja de S. Thiago, onde se resaram os officios funebres, tinha-se celebrado na egreja de Santa Cruz uma missa solemne de *requiem* e *libera-me* por alma d'el-rei D. Luiz, assistindo todo o regimento de infanteria 23 e parte do corpo docente da Universidade. Singular coincidencia! Ao caminhar o prestito para o cemiterio da Conchada, que fica arredado da cidade um bom kilometro, o céu cobriu-se de crepes e começou a carpir sobre o povo, que ia de pé e descoberto, uma chuva miudinha parecendo assim querer misturar as suas lagrimas com as da multidão. N'essa occasião de suprema dôr algumas mulheres do povo pranteavam a perda do seu bemfeitor e muitos operarios a falta irreparaval d'um amigo tão dedicado.

Em seguida... As portas do tumulo se fecharam, caindo sobre mais um corpo inanimado, que resvalou no pó... E a Historia, no seu livro de ouro, abriu mais uma pagina inscrevendo n'ella, em caracteres de diamante, o nome impoluto e indelevel de JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Silva Pereira.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS SEVILHANAS

E' na Andaluzia que se encontra ainda na Hespanha o typo feminino mais puramente caracteristico. Ao passo que nas outras regiões da peninsula se vão perdendo e obliterando os costumes supplantados pela moda franceza, o caminho de ferro que liga Córdova a Sevilha ainda não conseguiu influenciar os habitos tradiccionaes d'esta encantadora provincia da Hespanha. Conta-se que até os touros se oppozeram nos primeiros tempos ao ingresso das locomotivas pela bella Andaluzia, vindo atravessar-se na linha, como querendo impedir a marcha dos comboios.

Das andaluzas, nem as burguezas nem as operarias, teem abandonado os seus costumes. Mais um titulo pois a conceder-lhes.

Todos conhecem a *chula*, a suggestiva mulher madrilena que tantas analogias teem com a sevilhana. São da mesma raça, porém a segunda é de caracter mais doce, suavemente modesta e mais religiosa. Imaginação ardente e amorosa, as sevilhanas dão um grande contingente aos raptos e aos suicidios por amores mal correspondidos. Extranha mistura de fé religiosa com as crenças de amor. Os adornos são para ellas essencialmente romanticos. Cuidadosa em extremo da sua pessoa, a sevilhana é muito amiga das côres claras, alacreantes, e prefere o vermelho bem vivo, o amarello mais gemmado, o azul marinho a todas as outras.

A sua elegancia mais requintada consiste especialmente na mantilha e nos sapatos de salto. No seu toucado nunca faltam as flôres, os cravos vermelhos, as rozas brancas, ou as dhalias tigrinas, que sabem collocar nos cabellos negros de azeviche, com extrema graça.

Digamos que em Sevilha, como em Cádiz e Málaga, as louras são muito numerosas e que essas sabem escolher divinamente as flôres que melhor lhes fica ao parecer.

Com uma tal garridice bem se comprehende o garbo que a sevilhana dá ás bijouterias. Porém a todos os enfeites e adornos, ao brilho de todas as joias, nada luz com maior fulgor, mais intenso e profundo do que os seus olhos negros e langorosos, cujas sobrancelhas velam mysteriosamente. Resalta n'elles um fogo de intelligencia, de gracioso espirito, que os torna luminosamente expressivos.

Para as sevilhanas a Virgem da consolação desperta-lhes as lagrimas, e a sua sensibilidade eminentemente poetica, permitte-lhes delicados exageros nos seus cantos de amor.

Por estas considerações se vê claramente como a sevilhana constitue um typo feminino deveras adoravel, muito digno de estudo especial, entre as suas compatriotas, caracteres tão distinctos e tão variados.

ALFREDO DIAS

N'um paiz como o nosso, em que falta o incitamento ao trabalho e em que a justiça quando vêm, é sempre tardia e posthuma, mais valor indicam as almas temperadas que proseguem sempre e atravez da nossa caracteristica inercia, indifferentes ao extagnamento geral, n'uma senda de labor, de estudo e de sciencia.

Raros são esses, e mais dignos de nota e de applauso portanto!

Modestos, incansaveis, profundamente dedicados a uma causa que muitas vezes lhes não aproveitará, são esses que nós devemos ir buscar, para fazer incidir sobre elles a luz, mostrando-os ao vulgo, como exemplos de tenacidade e como modelos a seguir!

Publicámos ha annos n'esta folha o retrato do sr. Emilio Dias e acompanhamo-lo das justas palavras que merece uma personalidade como a sua. Assignalámos a extranha modestia que tão attrahente e sympathico torna o seu talento, que prosegue incansavelmente na sombra, divorciado de vãos escrupulos de honrarias, absorvido unicamente n'um ideal consciencioso de trabalho, sem preoccupações futeis de grandezas e aspirações desmedidas.

Hoje, sem sahirmos d'essa familia, que em tempos velhos de mais seriedade e de maior rijeza de costumes, seria tomada como modelo de honrado viver civico, vamos pôr em relevo os meritos de outro trabalhador incansavel, tão modesto como seu illustre irmão, o sr Alfredo Dias, encarregado da applicação da maçagem e gymnastica medica nos hospitaes civis de Lisboa.

As notas seguintes tomadas rapidamente sobre a sua biographia, fallarão com eloquencia maior de que longos periodos rhetoricos e elogiosos.

Tendo perdido seu pae aos oito annos, durante a invasão da febre amarella em Lisboa, ficando sem recursos, entregue aos cuidados de sua estremosa mãe, Alfredo Dias entrou n'um collegio que frequentou até á epocha em que fez o seu primeiro exame, entrando depois n'uma officina com o intuito de angariar pelo seu trabalho os neccessarios meios de subsistencia.

No entanto descontente do meio em que vivia e procurando por uma legitima aspiração fugir d'elle para elevar-se a uma posição mais em harmonia com as exigencias justificadas do seu espirito, entrou no Instituto Industrial, onde fez os cursos de telegraphia e de conductor de machinas.

Completos estes cursos, a instancias de sua extremosa mãe que se não podia conformar com a idéa do embarque, Alfredo Dias dedicou-se á carreira commercial.

Esse meio de vida, no entanto, tem exigencias a que muitos espiritos não são propensos a dobrar-se.

Accresce que de ha muito Alfredo Dias se sentia attrahido para outro campo.

Grande amador e propagandista da educação physica e desejoso de alargar a sua area d'acção, procurando implantar em Portugal os processos mechano-therapeuticos que hoje são á medicina de um tão precioso auxilio, querendo no entanto fazer uma acquisição consciençiosa dos materiaes scientificos necessarios, para o inicio d'essa utilissima cruzada, Alfredo Dias inscreveu-se como voluntario na parte biologica do curso da Escola Medica, tomando tambem parte nos trabalhos praticos de anatomia com o maior afinco e assiduidade.

Auxiliado pelos professores da Escola que, em vista da sua muita applicação, lhe permittiram a entrada nas suas enfermarias, Alfredo Dias teve occasião de fazer sob as suas vistas as primeiras applicações da maçagem.

Os resultados obtidos foram excellentes e a tal ponto animadores, que resolveram Alfredo Dias

[1] A rua de Coruche passou depois a chamar-se rua do Visconde da Luz sendo a typographia mudada para a rua das Figueirinhas, hoje chamada rua Martins de Carvalho.

a ir ao extrangeiro, embora á custa de enormes sacrificios, completar os seus estudos sobre a especialidade.

Visitou os primeiros institutos de maçagem de algumas capitaes da Europa, recebendo em Paris licções de Napoleon Laisné, introductor da

TYPOS HESPANHOES — As sevilhanas

maçagem e gymnastica nos hospitaes d'aquella cidade.

Munido com um bom cabedal de conhecimentos, voltou á sua patria, onde foi com toda a justiça encarregado das applicações mechano-therapeuthicas nos hospitaes. Ainda hoje conserva esse cargo, tendo obtido sempre lisongeiros resultados como auxiliar do tratamento medico que hoje tão proveitosamente utilisa a maçagem, mesmo no caso de infecções renitentes (*Elephantiasis*, etc.)

Sempre levado pelo seu genio emprehendedôr e pela sua iniciativa tão pouco *meridional*, Alfredo Dias fundou um instituto para a applicação da maçagem, na rua dos Douradores, (esquina da rua da Bitesga), onde se encontram bastantes apparelhos da especialidade, alguns unicos em Portugal.

Alfredo Dias conseguiu conquistar a confiança dos nossos principaes medicos, os quaes teem confiado clientes ás suas applicações e é a elle que se deve o desenvolvimento sempre crescente e a tendencia progressiva que mostra entre nós a implantação da maçagem, como meio mechanico auxiliar do tratamento therapeutico e clinico.

Alfredo Dias é tambem professor da Escola Rodrigues Sampaio, socio Honorario de varias sociedades de gymnastica, socio ordinario da Sociedade de Geographia, condecorado com o habito de Christo por ter sido um dos fundadores da associação do serviço voluntario das ambulancias nos incendios e um dos membros nomeados para a Reorganisação da Sociedade da Cruz Vermelha em Portugal. Em 1886 foi nomeado para fazer parte da commissão encarregada pela Camara Municipal de reformar o ensino de gymnastica nas escolas primarias, sendo eleito relator.

Alfredo Dias tem propagado e expandido as

suas idéas em varios artigos publicados na *Medicina Contemporanea*, na *Revista de Educação e Ensino* e varios outros jornaes. Publicou mais além d'isso o relatorio da commissão de que acima dissemos ter feito parte, e um folheto annexo a esse Relatorio.

Alfredo Dias propondo-se campeão do emprego therapeutico da gymnastica e da maçagem, cuja utilidade em muitos casos clinicos é incontestada, deu um arrojado exemplo de iniciativa ao nosso meio, pouco acostumado ás naturezas activas e emprehendedoras.

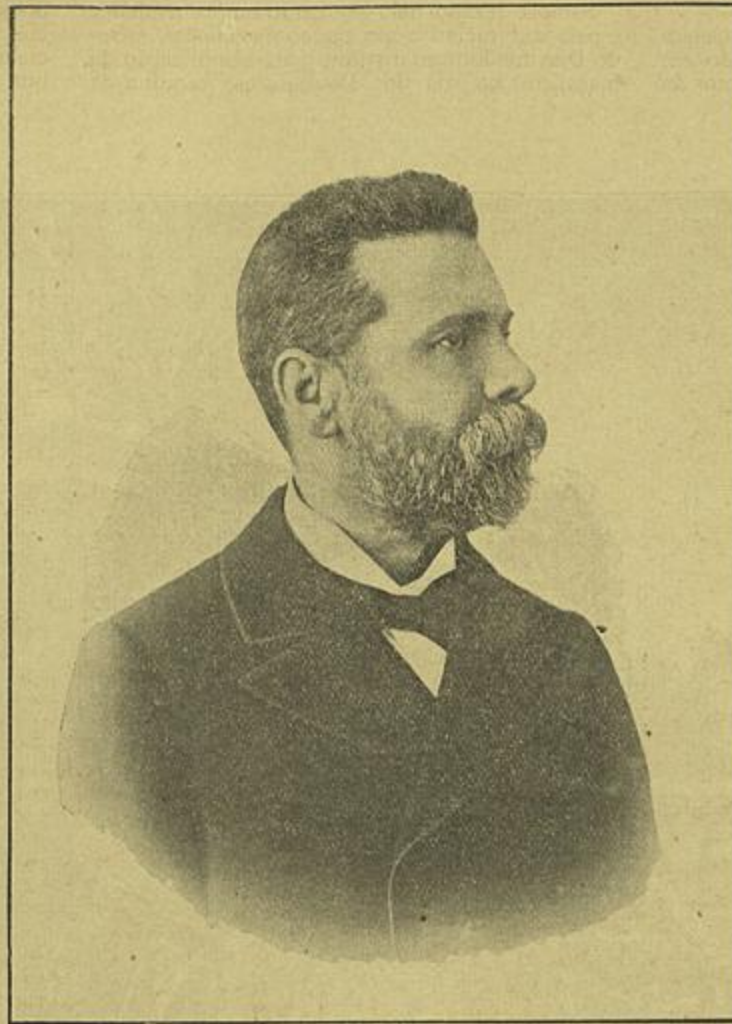
Encontra na estima e na consideração publica o justo galardão e isso é-lhe incentivo bastante para caminhar sempre firmemente no campo fecundo que escolheu para occupação do seu espirito.

Adeante reproduzimos alguns desenhos de apparelhos especiaes de maçagem, no gabinete do distincto especialista, acompanhados de algumas notas descriptivas.

Trabalhadores d'esta ordem merecem incondicionalmente o applauso de todos.

São estes os verdadeiros benemeritos da Patria, aquelles que *bem merecem* d'ella, e a que ella deveria galardoar na grande maioria dos casos, de uma forma mais justa e mais condigna.

Afredo Dias como seu illustre irmão Emilio Dias, é além de um obreiro incansavel de sciencia, um caracter modelo e um espirito, modestisimo.

Indifferente ao merito proprio é n'isso antes de mais nada que está o seu elogio, sobretudo n'um torrão onde as vaidades primam tudo e onde o quilate pessoal, é não poucas vezes abafado, na sede desmedida e injustificada dos nullos!

ALFREDO DIAS

(Copia de uma photographia do sr. J. R. da Silva & C.ª)

INSTITUTO MECHANOTHERAPICO

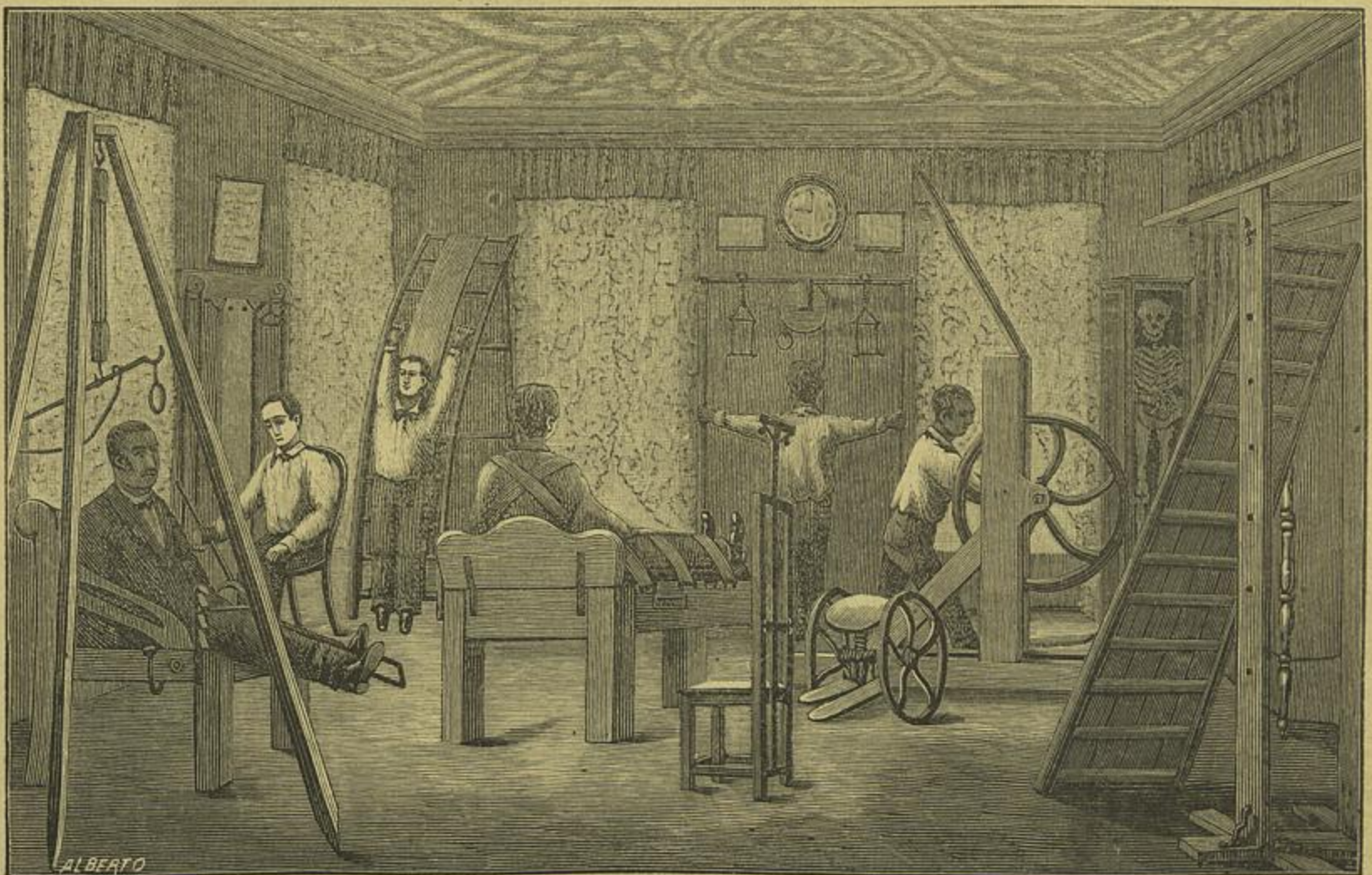
DE ALFREDO DIAS

Animados dos bons desejos que nunca nos abandonaram um só momento de dar aos nossos leitores noticia de tudo que os possa interessar seja em que ramo fôr, quer se trate de artes, industria ou sciencia, publicamos hoje uma gravura d'este Instituto, indicando os principaes casos em que a maçagem e a gymnastica medica são applicadas como meio exclusivo ou auxiliar em varias doenças.

Mais tarde, quando o tempo nos permittir, daremos a descripção de alguns apparelhos mais importantes alli adoptados com mais vantagem e que não vem descritos na maior parte dos livros que se estudam nas escólas de medicina.

Para nos prepararmos com os elementos indispensaveis, visitámos o Instituto Mechanotherapeutico do sr. Alfredo Dias que da melhor vontade nos mostrou todos os apparelhos que possue, dando-nos as explicações que lhe pedimos, e pondo á nossa disposição o seu prestimo

No extrangeiro, os estabelecimentos d'esta ordem são em grande numero, nas principaes cidades da Europa; alguns chegam a ser grandiosos e possuem um grande e variado numero de apparelhos. Alguns ha que são movidos pelo vapor. No meio acanhado em que vivemos diz-nos o sr. Dias e nós acreditamos, um instituto d'esta natureza montado com todos os elementos precisos, não compensava o capital empregado e não se podia sustentar, principalmente no momento actual em que qualquer apparelho vindo do extrangeiro chega ao seu destino com encargos superiores a oitenta por cento.

O medico que no extrangeiro mais se tem applicado á construcção de

INSTITUTO MECHANOTHERAPICO DE ALFREDO DIAS, EM LISBOA

apparelhos empregados no tratamento de determinadas doenças e mais tem inventado é o dr. Zander. São os Institutos que possuem os seus apparelhos os que mais cabalmente satisfazem ao fim para que são applicados, os mais perfeitos e os mais completos e talvez por isso os mais caros.

Tem apparecido no mercado extrangeiro muitas imitações por preços mais diminutos, mas são preferidos os de Zander.

O Instituto mais completo que conhecemos na Europa, montado mechanicamente é o de Leipzig.

Na America tambem existem alguns, em New-York, Baltimore, Alexandria, Boston, S. Francisco, etc.

Representa pois o pouco que existir no paiz n'esta especialidade um esforço enorme.

Não podendo nós entrar pela falta de competencia e auctoridade, na demonstração das razões que nos levam a indicar a maçagem n'uma ou n'outra doença limitamo-nos a dar uma indicação resumida das doenças em que ella se applica segundo indicação dos mais acreditados clinicos.

A maçagem e a gymnastica medica são vulgarmente indicadas com algumas excepções, e essas costuma indical-as o clinico, nos seguintes casos:

Lesões do systema-articular

Traumatismos { contusões, entorses, luxações

Affecções inflammatorias { Rheumatismo chronico, Idem deformante, Gôtta articular

A — Lesões secundarias — dyskinesia (difficuldade do movimento em resultado de doença anterior).

B — Ankyloses em via de formação.

C — Lesões da proximidade especialmente das bolsas serosas, articulares e sub-tendinosas, synovites.

Lesões do systema osseo

Fracturas, Deformação da columna vertebral { scoliose cyphose, lordose

Lesões do systema muscular

Myosites, caimbras profissionaes, contracturas torticolis, atrophias.

Lesões do systema nervoso

Histeria chorea, neurosthenia, insomnia, cephalalgia, gastralgia, nevralgias, nevrites, paresia, paralysias, paralysia infantil, hemiplegia, tabes dorsalis, estados tabeticos, myelite difusa aguda.

Lesões do systema circulatorio

Cardiopathias com irregularidade na circulação sanguinea, edêmas, engorgitamentos lymphaticos, ulceras varicosas.

Lesões do apparelho digestivo seus annexos e perturbações de nutrição

A — Dyspepsia atonica, gastrica dilatação de estomago e de instestinos, tympanismo, prisão de ventre, occlusão intestinal, estados hemorrhoidarios, enteroptose.

B — Polysarcia, obesidade, glycosuria, anemia, lymphatismo, escropholismo.

Lesões do apparelho da geração

A — Metrites, dysmenorrheas, endometrites.

B — Prolapsos do utero, e desvios uterinos.

Lesões dos orgãos dos sentidos

Perturbações da sensibilidade geral, anesthesia tactis, perturbações dos movimentos do olho (dysenergia ocular), surdez.

Perturbações da phonação (espasmos dos musculos laryngeos e respiratorios)

Aos casos já apontados alguns ha como por exemplo as fracturas, os entorses, difficuldades de movimento, prisão de ventre e atonia dos orgãos digestivos em que o tratamento mechanico é quasi sempre aconselhado como os melhores resultados.

É já bastante avultado o numero de casos tratados pelos meios mechanicos com resultado, o que tivemos occasião de ver por uma nota estatistica que nos foi mostrada.

VASCO DA GAMA EM ANGEDIVA

(Capitulo d'um livro inedito)

—

(Concluido do numero antecedente)

Corria o anno de 1664. Em quanto o vice-rei Antonio de Mello e Castro. dominado por um ardente patriotismo, estava differindo a entrega da ilha de Bombaim cedida a Carlos II de Inglaterra, em dote de sua esposa, a infanta D. Catharina de Portugal, pelo tratado de 23 de junho de 1661, Abraham Shipman, commissario deputado procurador d'aquelle Soberano para esse fim, e nomeado governador da ilha, apertava com o vice-rei pela almejada posse, até que pretendeu tomal-a com mão armada; mas vendo mallogrado o seu intento, porque o zeloso vice-rei apercebêra os fortes para o caso de assalto foi á Angediva descansar com as suas naus e gente á espera de melhor ensejo. Dêmos agora a palavra ao historiador inglez Hamilton: »Em janeiro de 1664, lord Marlborough (general commandante das naus) regressou á Inglaterra (com uma das naus para sollicitar novas providencias que a corôa portugueza foi prompta em dar) e deixou sir Abraham com o resto para passar a monção em algum porto na costa, mas não conhecendo nenhum, escolheu-se uma ilha deserta, por nome Angediva para ahi invernarem .. Aqui se demoraram desde abril a outubro, tendo sepultado durante este periodo 200 mortos»[1]. Entre estes contava-se o proprio Abraham Shipman que, com data de 5 de abril, substabeleceu a sua procuração em Humphrey Cooque, ou Inofre Coque, como se acha escripto nos documentos portuguezes, nomeando-o vice-governador, e, na falta, o alferes João Torne, com mando sobre os capitães, alferes, sargentos e soldados do regimento inglez que estava estacionado na ilha[2]. E Humphrey Cooque foi quem a 18 de fevereiro de 1665 tomou a entrega, que el-rei mandava dar *sem dilação nem impedimento*. Era a paciente e inquebrantavel tenacidade anglo-saxonia que é o segredo da força e prosperidade da Inglaterra, luctando com todas as contrariedades e impassivel ainda diante dos enormes estragos da Morte. a vencer as hesitações do vice-rei, a quem a côrte deu razão tarde e quando era irremediavel a perda. Recordam-se da perfida astucia que o immortal mantuano attribue aos dandos cançados do cerco da inexpugnavel Troya? recolheram-se, fatigados e como que desistindo da dura empreza, á pequena ilha de Tenedos, pouco distante da velha cidade de Tencro, onde imaginaram o meio de a tomar, como tomaram astuciosamente. Assim os inglezes, com apparente indifferença foram invernar á solitaria e epidemica Angediva, d'onde sómente sahiram para obter a cobiçada posse da ilha que hoje justamente proclamam *urbs prima in Indis!*

Angediva com as suas boas aguas, com o seu bello porto, é hoje, repetimos, inhospita, pauperrima, e esquecida. A sua minguada população tende a decrescer havendo uma parte emigrado para Pangim onde constituiu um bairro, chamado dos angedivanos, no sitio em que fica a fonte *Cabeça de vacca*. Em 1881 tinha 34 fogos com 93 habitantes (censo de 26 de fevereiro), em 1887 (censo de 31 de agosto) apresentou 21 fogos com 83 habitantes; ao presente, segundo uma informação auctorisada, tem 6 fogos com 20 habitantes. A praça que outr'ora foi governada por generaes e officiaes superiores, tem actualmente uma meia duzia de soldados reformados. É a que se acha reduzida a ilha que historicamente póde classificar-se a primeira e a mais antiga séde do imperio portuguez no Oriente! O commissario regio da India, sr. Neves Ferreira, visitou Angediva em 28 de janeiro de 1897, transportando-se a bordo da canhoneira *Tejo*, e o actual governador, sr. coronel Machado, em 4 de janeiro de 1898, indo na canhoneira *Liberal*. A pequena egreja, que é consagrada a Nossa Senhora das Brotas, foi ultimamente reconstruida.

Em 1812 o coronel engenheiro Francisco Augusto Monteiro Cabral levantou a carta da ilha de Angediva, que foi lithographada em 1849 na Imprensa Nacional de Goa. E' a mesma que, reduzida, apresenta Lopes Mendes no seu livro *A India Portugueza*, vol. II.

J. A. Ismael Gracias.

[1] A. Hamilton — *A new account of the East Indies*, 1.º vol. pg. 182.

[2] Este substabelecimento, a que tambem se chama testamento em varios documentos, foi encorporado no termo da entrega da ilha de Bombaim, que se acha publicado com algumas incorrecções de copia nas *Memorias* do desembargador Loureiro a pg. 204 (Lisboa 1835) e bem assim na *Collecção de tratados da India* de J. Biker, III pg. 32.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

XVI

Em que se lê uma carta do engenheiro

Na habitação contigua encontrou o Enéas os dois velhos e a Amalia, tal qual os havia deixado. A joven, de pé ainda junto da janella, traçava no vidro embaciado pelo seu halito a inicial de um nome, um F.

Aproximou-se o Enéas por detraz, sem que ella o presentisse, e acrescentou á maiuscula um *e*, dois *rr* e um *i*, minusculos; depois, leu em voz alta «Ferri» e acrescentou.

— Muito obrigado, minha senhora...

— Esta voltou se, palida como se houvéra perpetrado um delicto, o noivo, porém, logo se riu e com modo alegre disse:

— O meu excellente amigo Frederico deseja fallar-lhe; vae dizer-lhe uma coisa que a surpreenderá immensamente; vá, não se demore.

Ficou a Amalia perplexa por instantes; depois, abriu a porta do quarto do enfermo, e desappareceu.

— Poder-se-ha saber? — disse o Romulo, fitando o engenheiro que se encaminhava para o aposento do Dr. Roque.

— Poder se-ha saber? — repetiu o Joaquim.

— Por que não? — respondeu o Enéas, depois de ter hesitado um momento — devem sabel-o todos e felicitar-se, e vocês, mais que ninguem.

— Boas noticias?

— Optimas; calumniaram o Frederico, que tem mais juizo que vocês todos juntos e está innocente dos desaguizados que lhe imputaram; devido a um mero acaso por pouco se não asphyxiou, não que elle o sonhasse, pois lhe asseguro que nem o sonhava, sequer... Quem levou o tal fomilho de turba fui eu, e elle, que passára mal a noute, deixou-se vencer pelo somno; a turba, entretanto, desenvolvia o acido carbonico e elle ia viajando para o outro bairro. Emfim, ainda bem que foi essa a causa, pois não é assim?

O Romulo não respondeu, porém o Joaquim pôz a sua carinha petulante debaixo do nariz do engenheiro e mirou o debaixo para cima, abanando a cabeça de modo que nada tinha de equivoco

Se não acreditam — tratem de o averiguar — acrescentou o Enéas; — que eu vou levar tão excellente nova ao Dr. Roque:

E, juntando a acção á palavra, foi bater duas pancadas com os nós dos dêdos na porta fronteira.

Os dois velhos fizeram ambos um movimento para entrar tambem, quando a Tranquilina veiu abrir; deteve os, porém, o Enéas com modo gracioso e pediu-lhes que o esperassem.

— Zomba de nós, para se vingar! — exclamou, furioso, o Joaquim.

— Desconfia de nós — observou o Rómulo; — tem razão; sabe que o servimos mal.

— Que significa a tal comedia do fornilho e da turba?

— Não o entendes? Oh! eu cá entendo-o á legua — ponderou o Rómulo.

— Pois eu não entendo coisa nenhuma! — afirmou o Joaquim

— Só o que digo é que leve a breca a vontade que elle tem de renunciar á Amalia. — Pois não achas?

— É assim mesmo, e é bastante. Vamos nós tambem ver o Frederico.

— Vamos.

E com audaz resolução assomaram as cabeças, uma por cima da outra, á porta do quarto do enfermo.

Este preparava se a recitar o seu papel.

— Entrem — disse, com accento cuja jovialidade causava pena — entrem; sentem-se aqui...

— Como te sentes? — perguntou o Rómulo, commovido por aquellas palavras que soavam para elle qual nota desafinada em marcha funebre.

— Perfeitissimamente — retorquiu o Frederico; — quero levantar-me... — Fil-a bonita, hein?

E callou-se, a ver se alguem lhe perguntava «como?»

«Façamos-lhe a vontade» pensou o Rómulo, e disse, alto:

— Como?

— Nem eu mesmo o sei; perguntem ao Enéas. Foi elle quem me trouxe um forno de turba, da minha, para que eu por meus proprios olhos me certificasse de como arde bem; não dei muita attenção ao que elle me disse; adormeci e a turba foi ardendo, ás mil maravilhas; o Enéas, quando

sahiu, fechou a porta, as janellas já estavam fechadas, e eu em caminho das estrellas, e a estas horas devendo estar já em outro planeta ! . .

O Rómulo e o Joaquim estavam dispostos a rir, para condescenderem com elle, observaram, porém, que a Amalia chorava, silenciosa, e não o intentaram.

O Frederico fitava intensamente o Rómulo para não ver aquellas lagrimas e proseguia :

— Não sabem a grande noticia ?. . Estou outra vez rico ; possuo uma turbeira que vale mundos e fundos ; o engenheiro foi quem a descobriu ; confio que a tal turbeira se portará melhor no futuro e não me tornará a arranjar tão tremendas dôres de cabeça... Enéas julga-a capaz de tudo ; ora imaginem vocês que é turba, antiga, picea, luzente...

— E que tencionas fazer ? — inqueriu o Joaquim para dizer alguma coisa.

— Em primeiro lugar, levantar-me da cama, meter a cabeça n'uma bacia d'agua gelada, dar um passeio pelo campo e almoçar.

— E em seguida ?

— Pagar dividas ; vender a turba toda e erigir um monumento de gratidão ao engenheiro Enéas, um monumento economico... no coração !

N'este comenos, abriu-se a porta, e o doutor Roque, olvidada a gôta e os seus achaques todos, rodou até á cama, atirou se ao Frederico e cobriu-o de beijos ; depois, voltou se para a Amalia que olhava para elle, atonita, e cobriu-lhe tambem de beijos o semblante lagrimoso ; em seguida, agarrou o Joaquim e fez-lhe o mesmo ; por ultimo, deitou a unha ao Romulo, sacudindo-o a valer, e não podendo içar-se até ao seu rosto estupefacto, estampou-lhe um beijo maiúsculo no meio do peito.

Entretanto a Tranquilina, com expressão radiante, aproximara-se da filha e enxugava-lhe o pranto, dizendo-lhe que estivesse contente ; e mais não poude dizer, pois lhe embargára a voz a commoção.

— Façamos as coisas em regra — disse o doutor Roque. — Menina Amalia, esta carta é para si ; faça favor de a lêr.

E ao mesmo tempo que a Amalia, com as mãos a tremer e o coração a querer-lhe saltar pelo peito fóra abria a carta, o doutor Roque dizia :

— Esse homem modelo, esse sábio, esse anjo, esse engenheiro sem egual, foi ter com a Tranquilina e disse-lhe : — «Queira fazer-me o favor de entregar, sem demóra, esta carta a sua filha.» — «De que se trata» — perguntei : — «Tenha paciencia, por um bocado, e sabêl-o-ha» e safou-se como uma exhalação. .

— Naturalmente, já abriu a carta e já sôube... Lê alto, Amalia.

Amalia porém não podia lêr, pois lh'o tolhiam as lagrimas.

— Essas lagrimas são de alegria — affirmou o doutor ; — derrama um rio, se te apraz, minha filha, mas ao depois, lê.

A joven enxugou o pranto, leu depois para si, e tornou outra vez a chorar. O Frederico tremia como se estivera ardendo em fébre, e ninguem reparava n'elle, comquanto fosse a principal personagem d'aquella catastrophe.

— Dá cá — disse a Tranquilina — eu leio.

E leu :

«Minha senhora.»

«O Frederico quiz morrer porque a adóra ; e como elle, por isso mesmo que a adóra, é capaz de mentir com o maximo descaramento, ahi vae a carta que me escreveu ao arrumar a mala para o outro mundo Se, apesar de tudo, insiste em negar, queira appelar para a minha pessoa, e eu irei dizer-lhe na cara que está perdido de amores pela menina. Emquanto a mim, vou empreender a minha cura á força de movimento e mudança de ares ; espero, com o tempo, poder volver á sua presença curádo da fébre que arranjei contemplando os seus olhos. Vou-me embora e renuncio á sua mão, já que não pude obter o seu amor. Viva feliz e pense alguma vez que ha por esse mundo além um convalescente, que a prezará sempre o bastante para inspirar ciumes a seu marido.»

Os tres velhos entraram a rir e tiveram riso para um bom pedaço. O Frederico fitava os olhos anciosos no rosto banhado de lagrimas da Amalia.

— Olhem para elles ! Vocês por que espéram ? — Leve o diabo as taes cantigas do recato e da circumspecção ! Se estes pequenos se não abraçam agora, para quando é que o estam a guardar ?

Assim fallou o doutor Roque ; o Joaquim e o Romulo applaudiram, e sem saber como nem quando, e com o coração palpitante, a Amalia encontrou-se entre os braços do Frederico.

— Um instante — disse a Tranquilina — e tremia-lhe a voz — um instante : há um post-scriptum.

Caláram-se todos, e a excellente senhora leu :

«*Post-scriptum*. Dado o caso que viesse a aborrecer-se do Frederico e se achasse disposta a enamorar-se de mim, não terá mais do que escrever-me para Calcuttá, e voltarei immediatamente a lançar me a seus pés . .»

Os dois velhos tornaram a rir ás gargalhadas ; e o Rómulo ponderou, depois, que para mudar de ares, o Enéas tinha ido para um tanto longe, e por fim o doutor Roque perguntou, muito a sério :

— Meninos. não haverá perigo que elle queira tambem matar-se ?

— Não creio — retorquiu o Joaquim ; é difficil que um pae de familia se mate, quando os seus filhos ainda têem de nascer. A vida de Enéas é precisa á sua prole !...

— Como se sente agora ? — perguntou o doutor Roque ao Frederico.

Outro milagre.

O Frederico estava já completamente bom.

Pin-Sél.

(Continúa.)

Recebemos e agradécemos :

O Regimen da Divida Portugueza. *Discurso proferido na Camara dos Pares do Reino, nas sessões de 23 e 25 de abril de 1898* por Hintze Ribeiro. Lisboa. Imprensa Nacional, 1898.

Este discurso do illustre estadista é não só um verdadeiro estudo sobre o estado financeiro do paiz e da conversão da sua divida externa, mas ainda um estudo historico da administração publica desde os primeiros tempos da monarchia portugueza, visto á luz de um bom criterio.

Na impossibilidade de dar-mos maior desenvolvimento a esta noticia limitamo-nos a fazer um summario dos principaes pontos historicos tratados n'este discurso pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro com a superioridade do seu lucido espirito e vastos conhecimentos da historia patria. Summariando, temos :

Como a questão se apresenta : — as circumstancias de momento, — inopportunidade de uma avultada operação financeira. — Como se propõe a conversão, — os meios, por que se póde realisar, — a opposição na camara electiva, — as declarações feitas na sessão passada. — É perigosa a proposta do governo, — injusta, e sem precedentes na nossa historia, a consignação de rendimentos que se offerece.

Primeiros tempos da nossa monarchia : — a abundancia no reinado de D. Diniz, — larga exportação de cereaes e outros generos ; — o que hoje succede, — providencia que se impõe. — Causas de enfraquecimento : — doações ás egrejas, ordens de cavallaria e nobreza, — morgados, prohibição da usura ; — *deficit*, — sizas, recunhagem e quebra da moeda, — derramas sobre a propriedade ; — tenças e consignações de rendimentos, — liberalidades de D. Affonso V, — representações dos povos a D. João II. — Descobertas e conquistas no tempo de D. Manuel ; — abandono da producção, — impostos, — penuria e fome no paiz. — Venda de *juros* ; — dinheiro *tomado a cambios* por D. João III, — accumulação de emprestimos ; — primeira *conversão*, feita por D. Sebastião ; — expedientes financeiros ; — preferencias para novos emprestimos. — *privilegio de anterioridade* ; — ruina do thesouro, ao findar a dominação hespanhola. — Difficuldades nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II ; — emprestimos, conversões e tontinas, — impostos sobre o sêllo e a moagem ; — emissão de papel moeda. — As minas do Brazil e a munificencia de D. João V. — D. José I e o marquez de Pombal, — a sua administração politica e financeira — D. Maria I e D. João VI : — a guerra peninsular, — as invasões francezas, — a revolução de 1820 e a contra-revolução de 1823 ; — a abdicação de D. Pedro IV e a carta constitucional de 1826, — o primeiro orçamento no regimen liberal. — Retrocesso ao absolutismo, — as contendas da successão á corôa, — a convenção de Evora-Monte ; — o estado da fazenda publica, — as indemnisações pelos prejuizos soffridos — A lucta dos partidos — José da Silva Carvalho, — a conversão das *apolices* em *inscripções*, — a liquidação das *tenças* e *padrões de juros reaes* ; — A *revolução de setembro* : — o governo dos Passos, — como se fez a *consolidação* da divida publica ; — confrontos e advertencias da historia. — A *divida externa*, — como se constituiu e avolumou, — ultimos esforços, em 1837, para satisfazer os seus coupons, — suspensão de pagamentos até 1840, — demissão do ministerio setembrista perante as reclamações do governo inglez ; — o que então succedeu e o que hoje se propõe. — O partido *cartista* no poder : — auctorisação para converter os titulos e reduzir os juros da divida externa, — baldada tentativa, — o recurso ás *deducções* ; — as illações da experiencia que já temos. — Insurreição no Porto, em 1842, — restauração da carta constitucional ; — nova tentativa de conversão em 1845 ; — revolução no Minho, — ministerio Palmella, — dictadura financeira ; — reacção militar, — ministerio Saldanha, — junta do Porto, — guerra civil ; — ministerio Costa Cabral ; — atrazos e deducções nos juros e vencimentos até 1851 ; — corollarios, no tocante á consignação de rendimentos. — O ministerio *regenerador*, — Fontes Pereira de Mello, — a situação do paiz, — capitalisação dos atrazados, — conversão geral da divida publica, — opposição dos crédores estrangeiros, — accordo negociado em Londres, — restabelecimento do nosso credito. — A lição dos factos : — o que elles mostram, do passado para o futuro.

Depois da conversão : — os quarenta annos que medearam de 1852 a 1892, — balanço do thesouro, — balanço economico do paiz. — O que nos levou á reducção dos juros em 1892 : — a nossa questão com a Inglaterra, — baixa nas cotações em Londres ; — a drenagem do oiro ; — o emprestimo sobre os tabacos, — a consolidação da divida fluctuante ; — a inconvertibilidade e augmento das notas em circulação ; — a situação cambial. — A reducção dos juros impoz se como uma necessidade, por todos reconhecida. — Lei de 26 de fevereiro de 1892, — tentativa de um convenio em Paris ; — decreto de 13 de junho de 1892, — reclamações que suscitou, — demissão do gabinete Dias Ferreira. — Organisação de um ministerio regenerador, — lei de 20 de maio de 1893. — Os effeitos da reducção de juros, — o que teria acontecido, se a não realisassemos.

O estado da questão ; — é de decisivo alcance a definitiva regularisação da nossa divida — Como a podemos fazer : — pagando, por igual, a todos os crédores, na moeda do paiz, — proposta de lei de 1896 ; — ou fixando-se um limite cambial ; — assegurando-se aliás aos crédores as possiveis vantagens de futuro.

A proposta do governo : — se ha, sobre ella, negociações pendentes, — o que se declara no parecer da commissão de fazenda da camara dos pares — O governo, pedindo uma auctorisação, seguiu pelo peior caminho, — a experiencia das auctorisações votadas em 1840 e em 1892. — Como a auctorisação se acha concebida, por fórma a envolver encargos muito superiores aos actuaes. — A amortisação por compra no mercado, — preconisada como idéa nova, — ha mais de sessenta annos existe na nossa legislação. — Serviço da divida publica, — a quem deve ser confiado, — a antiga junta dos juros, — a junta do crédito publico, — o banco de Portugal, com os estatutos que o regem, — o risco que corremos de uma intervenção estrangeira. A consignação das receitas alfandegarias, — o antigo regimen de dotação da divida, — o que se propõe agora, — uma hypotheca irrevogavel, com direito executivo, — que até hoje não existia. — Como se pretende satisfazer, no estrangeiro, os encargos da divida publica, — as transferencias semanaes em oiro, — a sua acção depressiva na nossa crise cambial. — As restricções a que ficamos sujeitos, na remodelação das pautas e nos tratados de commercio, — como serão decididas as reclamações que se suscitarem ; — as arbitragens quanto ao porto de Lisboa e ao caminho de ferro de Lourenço Marques. — Para que é, afinal, o projecto : — para levantar um emprestimo, — que não serve á consolidação ou garantia da divida fluctuante, — e onera o thesouro, — encarecendo os cambios. — Conclusões : — com a proposta do governo, — não se faz conversão, nem se regularisa a divida do estado ; — não se reduz encargos, nem se melhora a fazenda publica ; — não se restabelece o crédito, e prejudica-se a economia vital da nação.

Almanach Auxiliar, publicado pelo sr. Albino Caetano da Silva, de Coimbra. É o 3.º anno de publicação d'este bom livrinho que tem tido a melhor acceitação do publico.

Cadeira de Zander para dobrar ou endireitar as pernas

Apparelho de Foot & Son para exercicios brachiaes e de remagem

INSTITUTO MECHANOTHERAPICO DE ALFREDO DIAS

Governo geral do Estado da India. — Successivamente temos sido distinguidos com a offerta de varios relatorios muito importantes, emanados do governo geral do Estado da India. Nem a sua analyse nem a sua critica podem ser aqui feitas. Registando a publicação d'esses interessantissimos documentos, folgamos immenso porque vemos começar a prehencher-se uma lacuna imperdoavel n'uma nação colonial da importancia da nossa.

Todos os presentes relatorios são mui dignos de louvor e de menção especial. Não regatearemos nem uns nem outros, e assim mencionaremos os seguintes:

Relatorio sobre o serviço das mattas de Gôa — Imprensa Nacional — 1898.

Este relatorio é referente ao anno economico de 1896-1897 e subscreve-o o administrador das mattas sr. João Vasco de Carvalho.

Entre as valiosas considerações que este cavalheiro apresenta distinguimos a de que nas mattas do Estado, este prefere deixar perder a madeira que não pode utilisar em obras suas, a vendel-a em hasta publica ou ao preço da tabella.

O estado entende e erradamente que deve reservar para seu exclusivo consumo toda essa madeira das mattas; ora como ellas produzem annualmente uma porção incomparavelmente superior á exigida para o consumo, de anno para anno se accumula madeira, que mais tarde se perde totalmente.

Vender, pois, o excedente do consumo, era a pratica que devia usar-se, mas o regulamento das mattas não o permitte.

Cremos que do estudo d'este relatorio pelas estações competentes hão de brotar elementos para uma melhor regulamentação das mattas da India, fonte perenne de riqueza, que se deve considerar detidamente.

Relatorio dos serviços da fiscalisação do caminho de ferro de Mormugão. Typographia Fontainhas. — Nova Gôa. — 1898.

Relativo ao anno de 1896, este relatorio é redigido pelo capitão graduado de engenharia sr. Adriano Abilio de Sá, e comquanto bastante desolador é comtudo profundamente patriotico. Os resultados financeiros são deploraveis, sendo a receita liquida negativa e a diminuição do trafego enorme e persistente.

O sr. Adriano Abilio de Sá, desde longo tempo que vem clamando por medidas energicas que sempre indicou, mas aqui não acharam o echo devido, resultando aggravar-se o estado da exploração d'aquella linha, com terriveis consequencias para os cofres publicos obrigados a entrar com quantias importantes nos cofres da companhia.

Cremos que, se attenderem aos patrioticos alvitres apresentados pelo sr. Abilio de Sá, ainda melhores dias virão ao trafego d'aquelle caminho de ferro e portanto ao estado e a India portugueza.

Relatorio ácerca da administração geral dos campos nacionaes de Assolnã, Velim, Ambelim, Talvórdá, Nuém e Ragibaca. — Imprensa Nacional. — Nova Gôa. — 1898.

Este relatorio é relativo a 1897 e redigido pelo sr. major Fernando Leal. E' o segundo documento do seu genero enviado desde 1840 ao governo geral, contendo por isso informações interessantissimas a mais de um respeito.

Não só a parte historica é muito curiosa, como tambem as indicações ácerca das arrematações das varzeas e outras merecem séria ponderação.

Relatorio dos serviços da procuradoria da corôa e fazenda e do ministerio publico na India — Nova Gôa — Imprensa Nacional, 1898.

Relativo a 1896, é este relatorio redigido pelo bacharel sr. Arnaldo Mendes Norton de Mattos, procurador da corôa e fazenda em Nova Gôa.

É o mais volumoso de todos os relatorios que temos presentes e contem interessantissimos elementos para a historia da magistratura judicial portugueza na India, sendo constituido na sua maior parte por grande numero de mappas relativos á administração de justiça.

Relatorio sobre a administração do concelho de Sanquelim, relativo a 1896, Imprensa Nacional — 1898.

Egualmente relativo a 1896, é subscripto este relatorio pelo administrador do concelho, capitão de infanteria sr. Domingos Silvestre Soares Branco.

Lucido e conciso, este relatorio não tem todavia a importancia que devia ter, porque a revolta de Satary, absorvendo então todas as attenções, egualmente se impõe no relatorio. Comtudo lêem-se n'elle varias informações sobre os terrenos, mattas, propriedades particulares, illustração geral, municipio, administração das communidades, etc. etc., as quaes muito convem estudar.

Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Gôa — Nova Gôa — Imprensa Nacional — 1898.

Este relatorio respeita ao anno de 1897 e é redigido pelo director bibliothecario sr. Manuel Lopes de Quadros.

Como aqui e por mais de uma vez temos noticiado a bibliotheca de Nova Gôa é porventura dos nossos estabelecimentos no ultramar, aquelle que mais minuciosos e regulares relatorios tem publicado ha alguns tempos a esta parte. Contribuem para isso o caracter dos cavalheiros que o teem dirigido e a sympathia que este estabelecimento merece com justiça ao governo geral, que sempre tem acolhido com louvor esses documentos.

Relatorio ácerca da administração geral dos correios relativa a 1897 e redigido pelo administrador Luiz José de Sousa e Brito — Nova Gôa — Imprensa Nacional — 1898.

É este um dos serviços que na India mais carece dos melhoramentos compativeis com o desenvolvimento que já hoje tem. No relatorio pugna-se por esses melhoramentos e expõe-se claramente a situação d'este importantissimo ramo de serviço publico, e que bem necessario se torna ser estudado com attenção.

Relatorio sobre assumptos de justiça, referido ao anno de 1897, apresentado pelo juiz da relação exercendo as funcções da presidencia, sr. Alberto Carlos Supico — Typographia Rangel — Bastorá — 1898.

Formosissimo — admitta-se-nos o termo — é este documento. É um esboço magistral da historia judicial portugueza na India e uma lucidissima série de observações e reparos ácerca das coisas de justiça, taes como ali estão, indicando e pedindo o melhor remedio para ellas.

A grandeza do assumpto e a diversidade das questões que successivamente occorreram ao illustre relator tornam este documento muito interessante, e parece-nos que com a sua leitura ficarão assaz bem elucidados todos os que estudam o assumpto.

Relatorio sobre os serviços da administração da provincia Pragaña de Nagar-Avely relativo á 1897, pelo administrador Lindorpho Pinto Barbosa. Imprensa Nacional — Nova Gôa — 1898.

Com este relatorio fechamos a enumeração que vimos fazendo. Julgamos que com a leitura de todos elles muito lucrará o governo geral do estado da India, e esse foi o seu fito ao suscitar, por provisão de 6 de setembro de 1897, a sua publicação.

Elucidado assim, o nobre governador da India portugueza acha-se plenamente habilitado á promulgação das mais sabias medidas, pois lhe basta estudar com attenção tão notaveis documentos, a cujos auctores damos, mais uma vez, o nosso ferveroso elogio.

Este ultimo relatorio é tambem muito luminoso e desenvolvido, mostrando o bom criterio do sr. Pinto Barbosa, e o seu empenho em promover o florescimento da provincia de Pragaña.

Diccionario de technologia Aduaneira, *para Portugal e Brazil, por José Augusto da Silva Sampaio, terceiro verificador das Alfandegas. Fasciculos* I a XXVI.

Esta utilissima e importante obra contém a definição de todas as mercadorias, sua synonimia, propriedades e caracteres, composição, processo de fabrico ou preparação, applicações, alterações e falsificações, regimen pautal portuguez, brazileiro e dos principaes paizes estrangeiros, notando todas as resoluções officiaes respeitantes á classificação pautal.

Ha muito que se impunha a necessidade de uma obra d'esta natureza, tão necessaria aos funccionarios das alfandegas e aos commerciantes e industriaes, que precisam conhecer o processo de analyse ás mercadorias do seu trafico e o regimen aduaneiro que as affecta em Portugal e no Brazil.

Como se vê, é uma perfeita encyclopedia indispensavel a todas as classes sociaes, nitidamente impressa, digna de figurar na bibliotheca escolhida do mais exigente amador de bons livros.

As referencias em extremo lisongeiras que esta obra tem merecido á imprensa e ás associações commerciaes e industriaes do paiz, abonam assaz o seu indiscutivel valor, podendo affirmar-se ser o trabalho mais notavel no seu genero, que entre nós se tem publicado.

No intuito de tornar accessivel a acquisição d'esta obra, acha-se aberta a sua assignatura a fasciculos, por 100 réis cada. No escriptorio da empreza do *Occidente* recebem se assignaturas e estão desde já á venda todos os fasciculos publicados.